

São os agentes mutantes que aparecem sem identificação e provocam epidemias e mortes. O vírus surge de doenças já existentes.

Vírus mutantes assustam o

modo

A população mundial está correndo sério risco de contaminação com um grupo de vírus que se tem espalhado, sem controle e sem identificação, desafiando os cientistas. São os vírus mutantes, de características diferentes de seus ascendentes, que mais aparecem nas transfusões e transplantes. Para muitos pesquisadores, várias epidemias surgem por causa desses vírus, que têm provocado a morte de milhares de pessoas em todo o mundo. Os cientistas, em depoimento à revista norte-americana **Science News**, disseram que esse fato é preocupante, apesar de não ser noticiado nas primeiras páginas dos jornais.

Os virólogos temem — como um indicador de suas preocupações — que uma simples mudança do vírus comum da Aids possa transformar-se em outro e contaminar o ser humano, sem ser detectado por especialistas. A possibilidade de que isso ocorra com frequência é muito limitada, ainda que os pesquisadores reconheçam que, apesar das avançadas técnicas da medicina moderna, não há meios para detectá-lo a tempo: “A maioria destes vírus é realmente nova, sendo que provêm de enfermidades já existentes, adquirindo um novo papel”, disse o pesquisador Stephen Morse, da Universidade Rockefeller de Nova York.

A atividade mortal desses vírus mutantes repercutiu entre os cientistas em 1983, quando morreram, misteriosamente, 17 milhões de frangos na Pensilvânia, atacados por um microorganismo que afetou seu sistema nervoso. Em 1960, dezenas de cientistas alemães adoeceram, e alguns deles morreram, vítimas de outra misteriosa enfermidade que, se julgou, foi provocada pela contaminação de células frescas de

macacos africanos, com as quais pretendiam produzir vacinas contra a pólio. Em 1976, o chamado vírus Ébola, que se desenvolveu no Zaire e no Sudão, afetou um milhão de pessoas, matando a metade, entre estes um grupo de médicos belgas e enfermeiras que estavam cuidando de pacientes atingidos pelo vírus. Um ano depois, um estranho vírus, que apareceu na África do Sul e por meios desconhecidos chegou ao Egito, contaminou milhões de pessoas e matou milhares.

Essas epidemias, ainda que locais, demonstram a vulnerabilidade da humanidade e o que pode ameaçar o ser humano, futuramente, segundo alertou o cientista Karl Johnson, pesquisador norte-americano que assessorava uma empresa de biosistemas de Rockville, no Estado de Maryland.

Os cientistas, entretanto, não estão de acordo sobre o perigo e a frequência dos vírus mutantes, mas são unânimes em afirmar que os países mais populosos e pobres e as grandes concentrações urbanas são os mais vulneráveis.

A importância que estão adquirindo os vírus procedentes dos países tropicais, como é o caso do que provoca a Aids, está alertando os cientistas, que recomendam a reabertura de laboratórios dedicados exclusivamente ao estudo das enfermidades tropicais.

O epidemiólogo Donald Henderson, decano da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, propõe a abertura desses laboratórios, fechados há alguns anos por falta de dinheiro. Henderson disse que com 150 milhões de dólares por ano se poderia financiar 15 centros médicos tropicais e outros dez nos Estados Unidos, além de se poder fazer pesquisas em zonas epidêmicas: “Não há tempo a perder”, advertiu o historiador William McNeill, da Universidade de Chicago.